

# A CONTRIBUIÇÃO DA NARRATIVA *THE MAN IN THE MOONE* DE FRANCIS GODWIN PARA COGITAÇÕES SEISCENTISTAS SOBRE A LUA

VERA CECÍLIA MACHLINE\*

**Resumo:** Com base em preceitos da História da Ciência, o objetivo deste artigo é reconstituir o contexto da narrativa de Francis Godwin intitulada *The Man in the Moone* (em português, *O Homem na Lua*), que estimulou novas cogitações seiscentistas sobre a Lua. Conforme será visto aqui, originalmente publicada em 1638, essa obra pertence a uma vertente literária de viagens imaginárias a orbes extraterrestres surgida no início dos tempos modernos, que tem pontos em comum com o gênero inaugurado pela *Utopia* de Thomas More. Entretanto, a narrativa de Godwin influenciou especialmente outra linhagem da época, constituída por escritos cosmológicos argumentando que – tal como a Terra – a Lua e outros astros poderiam ser habitados.

**Palavras-chave:** História da Ciência; Cogitações seiscentistas sobre a lua; Viagens imaginárias extraterrestres; Utopia; Francis Godwin.

**Abstract:** *The contribution of Francis Godwin's story The Man in the Moone for seventeenth-century cogitations about the Moon. Grounded on guidelines of the History of Science, the aim of this article is to reconstitute the context of Francis Godwin's story The Man in the Moone, which stimulated new seventeenth-century cogitations about*

---

\* Pós-doutora em História da Ciência pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e docente da PUC-SP. E-mail: <vcmach@pucsp.br>.

*the Moon. As shall be seen herewith, originally published in 1638, this work belongs to an early modern literary series of imaginary voyages to extraterrestrial orbs, which has points in common with the genre inaugurated by Thomas More's Utopia. Nevertheless, Godwin's story influenced especially another lineage of the time, composed of cosmological writings arguing that – like the Earth – the Moon and other stars could be inhabited.*

**Key-words:** *History of Science; Seventeenth-century cogitations about the moon; Extraterrestrial imaginary voyages; Utopia; Francis Godwin.*

Os séculos XVII e XVIII assistiram ao advento de um número significativo de viagens imaginárias a corpos celestes além do orbe terrestre, a começar pela Lua, geralmente enfocando as feições e os costumes fora do comum dos habitantes extraterrenos. Precedidas por passagens em obras como *La divina commedia* (composta c. 1310-1321), de Dante Alighieri (1265-1321), e *Orlando furioso* (originalmente publicado em 1516), de Ludovico Ariosto (1474-1533) essas viagens extraterrestres compreendem várias publicações, afora a narrativa cuja contribuição para cogitações cosmológicas seiscentistas sobre a Lua é o foco central deste artigo: *The Man in the Moone*, primeiramente impressa em 1638 sob o pseudônimo do narrador Domingo Gonsales, em lugar do real autor, o teólogo anglicano Francis Godwin (1562-1633).

Em adição à historieta *The Man in the Moone* – que foi antecedida pelo *Somnium* (1541), de Juan Maldonado (1485-1535) e

o *Somnium seu opus posthumum de astronomia lunari* (1634), de Johannes Kepler (1571-1630) – destacam-se os seguintes títulos: *Itinerarium Exstaticum* (1656), de Athanasius Kircher (c. 1601-1680); *L'Autre Monde: ou Voyage dans la Lune* (1657) e *L'Histoire des États et Empire du Soleil* (1662), de Cyrano de Bergerac (1619-1655); *The Description of a New World, called The Blazing-World* (1666), da Duquesa de Newcastle-upon-Tyne, Margaret Cavendish (1623-1673); *Voyage du monde de Descartes* (1690), de Gabriel Daniel (1649-1728); *Iter Lunare: or, a Voyage to the Moon* (1703), de David Russen (floruit 1705); *The Consolidator, or Memoirs of Sundry Transactions from the World in the Moon* (1705), de Daniel Defoe (1666-1731); *Viaje fantástico del Gran Piscator de Salamanca* (1724), de Diego de Torres Villaroel (1693-1770); *A Trip to the Moon... by Murtagh McDermot* (1728), de autoria ainda desconhecida; *Micromégas* (1752), de Voltaire (1694-1774); *Voyages de Milord Céton dans les sept planettes* (1765), de Marie-Anne Robert de Roumier (1705-1771); e *The Man in the Moon: or Travels into the lunar regions* (1783), de William Thomson (1746-1817).

A par dessas narrativas – breves ou longas, amiúde em vernáculo e muitas vezes divertidas – existem até dramas musicados, como a mascarada *Newes from the New World Discover'd in the Moon* (1620), de Ben Jonson (c. 1572-1637); *The Emperor of the Moon: A Farce* (1687), de Aphra Behn (1640-1689); *The World*

*in the Moon: An Opera* (1697), de Elkanah Settle (1648-1724); e *Wonders in the Sun: A Comick Opera* (1706), de Thomas D'Urfey (1653-1723).<sup>1</sup>

Além dessas obras em que prevalece a ficção, logo proveio outra linhagem de escritos nos quais, consoante Frédérique Aït-Touati, predomina o “discurso científico”. Entre esses, têm-se *The Discovery of a World in the Moon* (1638), de John Wilkins (1614-1672); *Discours nouveau prouvant la pluralité des mondes* (1657), de Pierre Borel (c. 1620-1671); *An Attempt to Prove the Motion of the Earth* (1674), de Robert Hooke (1635-1703); e os colóquios *Entretiens sur la pluralité des mondes* (1686), de Bernard le Boyer de Fontenelle (1657-1757).<sup>2</sup>

À primeira vista, esses títulos se afiguram singelos precursores das inúmeras jornadas interplanetárias e interestelares vindas à luz no século XIX e princípios do XX, a exemplo de *The Unparalleled Adventure of One Hans Pfaall* (1835), de Edgar Allan Poe (1809-1849); *Helionde, or Adventures in the Sun* (1855), de Sydney Whiting (?-1875); *Un habitant de la planète Mars* (1865), de François Henry Peudefer (1838-1909); *De la Terre à la Lune* (1865), de Jules Verne (1828-1905); *Across the Zodiac* (1880), de Percy Greg (1836-1889);

---

<sup>1</sup> Longe de exaustivo, o levantamento supracitado procede sobretudo de GREEN, Roger Lancelyn. *Into Other Worlds: Space-Flight in Fiction, from Lucian to Lewis*. Londres: Abelard-Schuman, 1958, p. 187-190. E de NICOLSON, Marjorie Hope. *Voyages to the Moon*. Nova Iorque: Macmillan, 1960, p. 259-284.

<sup>2</sup> AÏT-TOUATI, Frédérique. *Fictions of the Cosmos: Science and Literature in the Seventeenth Century*. Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 2011, p. 7-13.

*A Journey to Other Worlds* (1894), de John Jacob Astor (1864-1912); *A Trip to Venus* (1897), de John Munro (1849-1930); *The War of the Worlds* (1898), de Herbert George Wells (1866-1946); *The Gods of Mars* (1918), de Edgar Rice Burroughs (1875-1950); e *Hans Hardts Mondfahrt* (1928), traduzido nos E.U.A. como *By Rocket to the Moon* (1931), de autoria de Otto Willi Gail (1896-1956).<sup>3</sup>

De fato, de acordo com alguns estudiosos, as viagens ultra-terrestres seis e setecentistas teriam precedido inclusive as odisséias intergalácticas de nossos dias, à semelhança de *The Currents of Space* (1952), de Isaac Asimov (1920-1992), e *2001: A Space Odyssey* (1969), de Arthur C. Clarke (1917-2008). Aliás, para tais estudiosos, a presente “ficção científica” derivaria de um vasto acervo de histórias fabulosas compostas antes da Era Comum (a.E.C.), como as *Ilhas do Sol*, ou as *Aventuras no Mar do Sul*, de Iâmbulo (século I a.E.C.), ou a *Argonáutica*, de Apolônio de Rhodes (?-após 246 a.E.C.). E estas, por sua vez, remontariam a peripécias veiculadas em épicos anteriores aos relatos bíblicos, dentre os quais se distinguem as epopeias homéricas (século VIII a.E.C.), e o mito sumério de *Gilgamesh*, primeiramente fixado em escrito c. 2.100 a.E.C., mas pertencente a uma tradição oral ainda mais longínqua.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> GREEN, op. cit., 1958, p. 188-190.

<sup>4</sup> CAUSO, Roberto de Sousa. *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil, 1875 a 1950*. Belo Horizonte: UFMG, 2003, p. 63-69. Vale lembrar que a Bíblia hebraica, ou o Antigo Testamento para a cristandade, agrega uma coleção de textos escritos ao longo de sete ou oito centúrias, ou seja, do século VI a.E.C. ao II da E.C.

Malgrado as aparências, a vertente de viagens extraterrestres florescida na viragem para os tempos modernos a rigor não deve ser confundida com o “romance científico”, possivelmente inaugurado com *Frankenstein: ou o Moderno Prometeu* (1818), de Mary Shelley (1797-1851). O mesmo se aplica à “ficção científica”, expressão esta proposta por Hugo Gernsback (1884-1967) no primeiro número da revista *Science Wonder Stories*, datado de julho de 1929, para designar uma das diversas modalidades publicadas nos “magazines de polpa” (ou seja, revistas impressas em papel barato), em circulação nos Estados Unidos entre o último decênio do século XIX e a década de 1950. A propósito, no entender de Gernsback, o termo “ficção científica” diria respeito a histórias semelhantes aos romances entre-meando fato científico e visão profética, como as escritas por Poe, Verne e Wells. Hoje, porém, subordinada à “ficção especulativa”, dividida em toda sorte de subcategorias, e ano a ano instigando novas técnicas cinematográficas, a ficção científica se afastou deveras do modelo literário divisado por Gernsback.<sup>5</sup>

Poucos mas importantes fatores singularizam as jornadas ultraterrestres do início dos tempos modernos. Para começar, os séculos XVII e XVIII viveram de perto a dramática transição de um macrocosmo geocêntrico e fechado para um sistema heliocêntrico fazendo parte de um universo infinito. Em segundo lugar, naqueles tempos, as fronteiras entre literatura e ciência eram permeáveis,

---

<sup>5</sup> CAUSO, op. cit., 2003, p. 25-122.

uma vez ser relativamente recente a atual primazia da ciência sobre alternativas como a filosofia natural, a magia operativa e a criação artística. Ou seja, a ciência começou a despontar como a melhor via de se dominar a natureza e de se assegurar o progresso da humanidade apenas em meados do Setecentos. Adicionalmente, foi então que, sob a égide da estética romântica buscando romper com os cânones clássicos, duas inovações cruciais tiveram lugar no âmbito da literatura: a retomada do gênero multiforme do “romance” e o advento do escritor profissional, cuja originalidade estaria a serviço de uma classe média citadina em ascensão.<sup>6</sup>

Muitas das viagens compondo a vertente ficcional aqui em tela privilegiam – dentre os costumes incomuns dos habitantes extraterrenos – a excelência de suas instituições sociais, políticas, religiosas e econômicas. Em outras palavras, essas viagens imaginárias dilataram a senda aberta pela obra-mestra do estadista e humanista Thomas More (1477-1535) – a qual, ao vir à luz em fins de 1516, estampava o título *Libellus vere aureus nec minus salutaris quam festivus de optimo rei publicae statu deque nova insula Utopia* (em

---

<sup>6</sup> Pela ordem, DICK, Steven J. *Plurality of Worlds: The Origins of the Extraterrestrial Life Debate from Democritus do Kant*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982, p. 106-175. AÍT-TOUATI, op. cit., 2011, p. 7-8. ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria. *O que é História da Ciência*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 54-64. E MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1978, em especial s.v. “romance”, p. 451-459, e s.v. “romantismo”, p. 461-465. Para detalhes adicionais sobre a versatilidade do “romance”, consultar BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: UNESP/HUCITEC, 1988, a começar por p. 72-84.

português, “Um verdadeiro pequeno livro dourado, não menos benéfico do que divertido, sobre a melhor constituição de uma república e a nova ilha de Utopia”).<sup>7</sup>

Com efeito, à semelhança das jornadas marítimas a paragens de localização imprecisa na Terra, típicas das utopias emulando a de More, boa parte das viagens ultraterrestres seis e setecentistas igualmente pretenderam criar, mediante a faculdade da imaginação, um mundo melhor do que o existente na Europa de então. Ou, consoante Carlos Berriel, almejaram “construir” (nem que fosse às avessas, i. é, desmontando por meio de derrisão) uma sociedade “que se supõe maximamente desejável, mas comumente considerada inalcançável.” Ao fim e ao cabo, ao término do Setecentos, tal afã gerou um número considerável de utopias na Terra, além de quase outro tanto no sistema solar.<sup>8</sup>

Segundo especialistas, a *Utopia* de More bebeu de várias fontes, começando pelas grandes navegações marítimas abrindo os tempos modernos. Entre elas, a mais relevante aqui é a sátira menipeia. Como assinalado por Regina Carpentieri, não aquela que recua até o filósofo cínico Menipo de Gadara (fl. primeira metade do século III a.E.C.), mas

---

<sup>7</sup> DUBOIS, Claude-Gilbert. L’Utopie au XVIe siècle comme idéal de rénovation et comme gel de la métamorphose. *Morus*, n. 1, 2004, p. 25-33, em particular p. 26.

<sup>8</sup> Etimologicamente, o neologismo “utopia” significa (terra ou paragem) “sem lugar”, como lembrado em DUBOIS, op. cit., 2004, p. 28. A passagem citada provém da p. 1 de BERRIEL, Carlos Eduardo Ornellas. A Utopia como gênero, ou as possibilidades de uma tipologia utópica. Estudo avulso online. [S.I.: s.d.], p. 1-4. Um levantamento tentativo de utopias e viagens extraterrestres publicadas até fins do século XVIII consta em SERJEANTSON, Richard; JACKSON, Clare. *Utopian Writing, 1516-1798*. Estudo avulso *online*. Cambridge: 2009, p. 1-61.

a versão imortalizada por Luciano de Samósata (c. 125-c. 192), cujas peculiaridades More a princípio conheceu entre 1505 e 1506, ao traduzir em parceria com Erasmo de Rotterdã (1466-1536) meia dezena de diálogos luciânicos pouco conhecidos em princípios do Quinhentos.<sup>9</sup>

Dotada de uma excepcional plasticidade externa graças à sua natureza paródica, a sátira à moda de Luciano notabiliza-se pelo hibridismo formal, a preferência por pontos de vista inabituais (dando ensejo a situações extraordinárias), a zombeteira imitação de escritos e procedimentos alheios, e a incansável troça de toda sorte de dogmas. Não obstante, em lugar da censura cabal, no geral prevalece o estilo *serio ridere* (em português, sério-cômico), inerente ao princípio *ridendo dicere verum* (i. é, “dizer a verdade rindo”).<sup>10</sup> A estes postulados, derivados da sátira latina de Horácio (65-8 a.E.C.),

---

<sup>9</sup> CARPENTIERI, Regina Maria. Modalidade satírica na utopia “Il mondo Savio e Pazzo” de Anton Francesco Doni. *Anais do SILEL*, v. 2, n. 2, Uberlândia: EDUFU, 2011, p. 1-9, sobretudo p. 5. Ao todo, as traduções de More e Erasmo para o latim de escritos luciânicos renderam, entre 1506 e 1541, treze publicações, incluindo reimpressões, conforme apurado em LAUVERGNAT-GAGNIÈRE, Christiane. *Lucien de Samosate et le Lucianianisme en France au XVIe siècle: Athéisme et polémique*. Genebra: Droz, 1988, p. 379-383. Ainda, vale lembrar que, num breve excerto em seu *Morias Enkomium*, ou Elogio da loucura (1511), Erasmo alude à viagem de Menipo à lua narrada na sátira luciânica conhecida como Ícaro-Menipo.

<sup>10</sup> CARPENTIERI, op. cit., 2011, p. 3-6. Embora o supra mencionado estudioso de literatura Mikhail M. Bakhtin não se deteve nas particularidades da sátira luciânica, cumpre ver seu apanhado sobre a sátira menipeia em *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981, p. 97-105.

soma-se o preceito poético-pedagógico, também de inspiração horaciana, *prodesse et delectare* (“instruir e deleitar”), às vezes referido como *utile cum dulci mixtum* (“mesclar o útil com o agradável”).<sup>11</sup>

Todas essas características figuram na sátira luciânica *Histórias Verdadeiras*. Disponibilizada pela imprensa desde a última década do *Quattrocento*, ela provou-se modelar para a obra-mestra de More e utopias subsequentes – fossem terrestres ou siderais – em virtude da maestria de Luciano em embaralhar o verídico, o inverossímil e o verossimilhante ao narrar jornadas a plagas insólitas.<sup>12</sup> E visto hoje serem pouco conhecidas, convém resumi-las a seguir.

De saída, o misto de narrador e protagonista das *Histórias Verdadeiras* adianta relatar “coisas sem viabilidade de existência” e sem “o menor crédito”. No entanto, ele fornece diversos detalhes simulando dar credibilidade a seu relato. Por exemplo, antes de a viagem iniciar, o leitor é informado que o bergantim levando a

---

<sup>11</sup> Nas Sátiras (I, 1, 24) de Horácio encontra-se a frase *ridentem dicere verum quid vetat?* (grosso modo, “O que impede, quando rindo-se, de dizer a verdade?”). Na Arte Poética horaciana, os versos 333-334 rezam: *Aut prodesse uolunt aut delectare poetae aut simul et iucunda et idonea dicere uitae* (“Os poetas ou pretendem ser úteis ou deleitar ou, ao mesmo tempo, dizer coisas belas e aproveitáveis à vida”). Ainda, na mesma obra, os versos 343-344 prescrevem: *Omne tulip punctum, qui miscuit utile dulci, lectorem delectando pariterque monendo* (“Mereceu todos os votos quem juntou o útil ao agradável, deleitando e, ao mesmo tempo, instruindo o leitor”).

<sup>12</sup> AÏT-TOUATI, op. cit., 2011, p. 22-23 e 53-54. E LAUVERGNAT-GAGNIÈRE, op. cit., 1988, p. 25-57 e 370-421.

meia centena de homens recrutados pelo herói, a par de estar em bom estado, fora bem aprovisionado de mantimentos, água, armas e um ótimo piloto.<sup>13</sup>

Mal começa a jornada, “nascendo o sol pela segunda vez,” sobrevém uma aragem que encapela o mar, tingindo o céu de tonalidades sombrias e deixa o barco por “setenta e nove dias [...] à mercê de uma tormenta”. Após a rápida estada numa ilha em cujo interior havia “um rio onde corria vinho”, o bergantim é “apanhado num turbilhão e erguido a uma altura que ultrapassaria os trezentos estádios” (cerca de 62.000 metros). “Enquanto isso, um vento fortíssimo [...] arrebatou-o sete dias e sete noites pelos ares, deixando-o [por fim] numa [...] ilha aérea.”<sup>14</sup>

Logo mais, segue-se a descrição das forças envolvidas numa batalha de dimensões interestelares entre os moradores daquela ilha aérea – revelada ser “a Lua dos céus da Terra” – e os nativos do Sol. Sucede que os residentes desses astros eram governados por reis. Um chamava-se Endimião (em alusão ao jovem e belo pastor que, segundo uma lenda, fora amado por Selênia, i. é, a Lua); seu oponente era Faetonte (outro nome mitológico, que significa “filho

---

<sup>13</sup> LUCIANO, História Verdadeira. In: LUCIANO. *O Parasita ou o Papa Jantares*. Lisboa: & etc, 1981, p. 25-76. As citações provêm da p. 29. Optou-se aqui pelo título Histórias Verdadeiras, a exemplo de GEORGIADOU, Aristoula; LARMOUR, David H. J. *Lucian's Science Fiction Novel True Histories: Interpretation and Commentary*. Leide: Brill, 1998, p. 1-48. A propósito, este estudo, em p. 49-232, traz um aparato crítico das fontes das *Histórias Verdadeiras*.

<sup>14</sup> LUCIANO, op. cit., 1981, p. 29-31.

do Sol”). Como não raro ocorre na Terra, o conflito fora deflagrado por paixões fúteis. Desta feita, o estopim foi a inveja de Faetonte, suscitada pelo plano de Endimião de reunir os pobres de seu reino e “fundar uma colônia na Estrela da Manhã” – por sinal, “deserta e sem habitantes”.<sup>15</sup>

As tropas de Endimião e Faetonte eram espetaculares por sua quantidade e natureza. Para se ter uma ideia, as hostes chefiadas pelo rei dos Solares incluíam cinquenta mil “hipomirmecas” (gigantescas formigas aladas); dez mil hoplitas (i. é, soldados pesadamente armados) chamados “caulomicetas” (dado usarem cogumelos como escudos e talos de aspargo à guisa de lanças); e cinco mil “cinobalanas” (homens com cabeça de cão montados em pênis alados), enviados pelos moradores de Sírio. Essas hostes deveriam ser reforçadas por um contingente de “nefelocentauros” (nuvens de centauros), originários da Via Láctea. Contudo, os últimos chegaram “só depois de decidida a sorte da batalha” – que resultara em pilhagens, prisioneiros, muito sangue e alguns troféus.<sup>16</sup>

Depois de um parênteses descrevendo as particularidades físicas, reprodutivas, alimentares e indumentárias dos Lunares, as *Histórias Verdadeiras* prosseguem com novos episódios. Abreviando uma longa sucessão de peripécias, entre muitas outras, têm-se a demorada estada no interior da baleia que engolira o bergantim; a

---

<sup>15</sup> LUCIANO, op. cit., 1981, p. 31-32, e notas 4 e 5, p. 163.

<sup>16</sup> LUCIANO, op. cit., 1981, p. 33-36.

breve parada na ilha feita de queijo duro, no mar de leite; e o encontro com piratas em barcos feitos de casca de abóboras gigantes. Destaca-se ainda a visita à Ilha dos Bem-Aventurados, que permitiu ao narrador, embora em vão, interrogar Homero acerca de sua origem e da autenticidade das composições burlescas a ele atribuídas; e a testemunhar a chegada de Pitágoras de Samos, “depois de sete metamorfoses, outras tantas vidas em diferentes corpos, e dar por terminadas as migrações de sua alma”.<sup>17</sup>

Outra fonte capital para More e demais utopias foram conjecturas urbanísticas – não raro englobando considerações políticas, sociais, religiosas e econômicas – que recuam a Hippodamus de Mileto (c. 485-408 a.E.C.). Segundo uma passagem do tratado sobre *Política* (1267b 22-1268a 14) de Aristóteles (384-322 a.E.C.), além de haver “inventado a arte de planejar cidades”, Hippodamus foi o primeiro que, mesmo não sendo um estadista, ponderou “sobre a melhor forma de governo” com seu projeto de uma *pólis* composta de 10.000 cidadãos, divididos em três categorias: artesãos, agricultores e defensores do estado. As terras da cidade concebida por Hippodamus também seriam repartidas em três partes: uma sagrada (destinada à manutenção do culto aos deuses), uma pública (para o sustento dos soldados),

---

<sup>17</sup> LUCIANO, op. cit., 1981, p. 38-76. Tais composições burlescas seriam o *Margites* (que versa sobre um bronco tão incapaz, ao ponto de não saber ter nascido de sua mãe ou de seu pai), e a *Batrachomyomachia* (que narra uma batalha entre rãs e ratos que, apesar de nem durar um dia, gerou discórdia até entre os deuses no Olimpo).

e uma particular (de propriedade dos agricultores). Eleitos pelos cidadãos das três classes, os magistrados observariam “os interesses do público, dos estrangeiros e dos órfãos.”<sup>18</sup>

O próximo pensador a ser mencionado é Platão (c. 427-347 a.E.C.), em virtude de suas propostas urbanísticas e políticas na *República* e nas *Leis*. Entretanto, a esses escritos devem ser adicionados os diálogos *Timeu* e *Crítias*, tendo em vista as numerosas referências renascentistas à lendária Atlântida – a mais explícita sendo a *Nova Atlantis* (1627), na Ilha de Bensalém, de Francis Bacon (1561-1626).<sup>19</sup>

Como se sabe, num breve trecho no extenso *Timeu* (24e-25d), o personagem Crítias rapidamente menciona a grandeza territorial e o poderio militar e naval daquele complexo insular de dimensões continentais, situado defronte das Colunas de Hércules, que “no espaço de uma noite e um dia funestos” desapareceu “nos abismos do mar”.<sup>20</sup> Em compensação, no inacabado *Crítias* (113c-121c), o mesmo personagem relata em detalhes desde a descendência dos Atlantes

---

<sup>18</sup> TROUSSON, Raymond. La cité, l'architecture et les arts en Utopie. *Morus*, n. 1, p. 35-53, 2004, p. 37. E BURNS, Alfred. Hippodamus and the Planned City. *Historia*, v. 25, n. 4, 1976, p. 414-428. Este artigo traz, em p. 415-416, todas as referências a Hippodamus constando na Política aristotélica, parcialmente citadas aqui; e, em p. 421-425, discute a participação desse arquiteto na (re)construção de cidades helênicas, como Rhodes. No entender de alguns estudiosos, a primeira cidade planejada seria a efêmera sede religiosa e política de Akhetaton, projetada pelo faraó Akhenaton (?-1336/4 a.E.C.). Para detalhes adicionais a respeito, consultar WASSEF, Ayyam. Akhetaton, a Cidade do Sol. *O Correio da UNESCO*, ano 19, n. 4, abr. 1991, p. 16-18.

<sup>19</sup> TROUSSON, op. cit., 2004, p. 37-38 e 42.

<sup>20</sup> PLATÃO. *Timeu*. In: PLATÃO. *Diálogos*. 3. ed. Belém: EDUFPA, 2011, v. 11, p. 49-147, em especial p. 60-61.

a partir do neto primogênito oriundo da união do deus Poseidon com a mortal Clito, até o castigo cogitado por Zeus depois que a avareza e o orgulho próprios da natureza humana passaram a dominar os antes virtuosos habitantes de Atlântida, cujo apogeu teria ocorrido em aproximadamente 9.600 a.E.C.<sup>21</sup>

Sintetizando o minucioso relato no *Crítias*, de início, o próprio Poseidon fortificara a ilha central com “um sistema de cinturões alternados, de mar e de terra, no qual os maiores envolviam os menores”. Adicionalmente, além de embelezá-la com fontes de água, dotara suas redondezas com terras férteis sem iguais, minas de metais nobres, “madeira para obras de carpintaria”, “pasto suficiente para animais domésticos e selvagens”, e “alimentos variados e abundantes.” Praticamente autossuficientes, os descendentes de Poseidon tiveram amplas condições de construir “templos, palácios régios, portos e arsenais”, e aprimorar ainda mais “toda a região”.<sup>22</sup>

Entre outros feitos, os Atlantes erigiram “pontes nos cinturões de mar que envolviam a antiga metrópole, a fim de conseguir passagem para fora e para o palácio real.” Do lado do mar, “abriram um canal de três plectros [em torno de 91 metros] de largura, cem pés [35 metros] de profundidade e cinquenta estádios [10.000 metros] de comprimento”, que findava no “cinturão externo, como a entrada de um porto”, para receber barcos de grande envergadura

<sup>21</sup> PLATÃO. *Crítias*. In: PLATÃO. *Diálogos*. 3. ed. Belém: EDUFPA, 2011, v. 11, p. 153-175.

<sup>22</sup> PLATÃO, op. cit., 2011, p. 164-166.

vindos do mar. Também fizeram melhorias na ilha central, “sede do palácio real”, que “media cinco estádios [pouco mais de um quilômetro] de diâmetro.” Todo “o contorno da ilha, o cinturão de terra e os parapeitos laterais da ponte” foram revestidos de “um muro de pedra”. Ainda, entre outras proezas arquitetônicas, “construíram torres e entradas nas pontes e nas passagens do mar.” E revestiram com diferentes metais cada um dos muros dos três cinturões concêntricos circundando a acrópole na ilha central.<sup>23</sup>

Sem falar da magnificência do palácio real na acrópole, todos os beneficiamentos nas imediações eram impressionantes – notadamente o fosso rodeando a planície em torno da ilha central, o qual recebia as águas de canais que cortavam o terreno “em linha reta”, mas que se intercomunicavam graças a “canais oblíquos”. Nas palavras ambíguas de Crítias, quanto “à profundidade, [ao] comprimento e [à] largura desse fosso, é quase inacreditável o que se conta”. Cavado “até a profundidade de um plectro, ou cem pés [304 metros]”, esse fosso tinha “um estádio [201 metros] de largura em toda a sua extensão;” e, em comprimento, “perfazia o total de dez mil estádios [dois mil quilômetros].”<sup>24</sup>

Igualmente formidável era “a organização militar da cidade real” suprida pelo chefe de cada lote de terra na planície. Cada chefe “tinha por obrigação fornecer para os efetivos de guerra a sexta parte

---

<sup>23</sup> PLATÃO, op. cit., 2011, p. 166-167.

<sup>24</sup> PLATÃO, op. cit., 2011, p. 170-171.

de um carro de combate, a fim de perfazerem um total de dez mil carros”; outrossim, “dois cavalos com seus cavaleiros; uma parelha de cavalos sem carro, com um comandante armado de escudo pequeno e um auriga” (i. é, um guia) para os animais; “dois hoplitas”; um par de arqueiros; uma dupla de “fundibulários” (combatentes empunhando a arma de arremesso conhecida como funda); e, por fim, “combatentes de pedras e de dardos, três de cada, e quatro marinheiros para completar a tripulação de mil e duzentos navios.”<sup>25</sup>

Pelo visto, as *Histórias Verdadeiras* de Luciano parecem parodiar, entre demais escritos antigos, não só as fabulosas ilhas da *Odisséia* homérica, como também a grandiosa Atlântida platônica. A última, em particular – que segundo Pierre Vidal-Naquet, séculos antes de Luciano, já zombava dos relatos inverossímeis narrados nas *Histórias* de Heródoto (c. 484-c. 425 a.E.C.) – pode ter inspirado as cifras monumentais e as tropas fabulosas noticiadas nas *Histórias Verdadeiras*.<sup>26</sup>

Esboçada em mais de um diálogo platônico, a “geometrização do espaço” urbano, no dizer de Raymond Trousson, foi entusiasmaticamente retomada no *Quattrocento* – um século antes de o Papa Sixto V (1520-1590), entronizado em 1585, começar a redesenhar Roma. Até notícia em contrário, o pioneiro teria sido Leon Battista

<sup>25</sup> PLATÃO, op. cit., 2011, p. 171.

<sup>26</sup> Por ser uma paródia, a Atlântida platônica não era levada a sério pelos antigos, como lembra VIDAL-NAQUET, Pierre. *Atlântida: pequena história de um mito platônico*. São Paulo: UNESP, 2008, p. 21-47.

Alberti (1404-1472), que traz considerações a respeito nos Livros IV e V de seu tratado *De re aedificatoria* (concluído em 1452, mas publicado apenas em 1485). Para os historiadores hodiernos, é particularmente valioso o levantamento abrindo o Livro IV, que traz “as Opiniões dos sábios Fundadores de antigas Repúblicas e Leis concernentes à Divisão de Povos em diferentes Ordens”.<sup>27</sup>

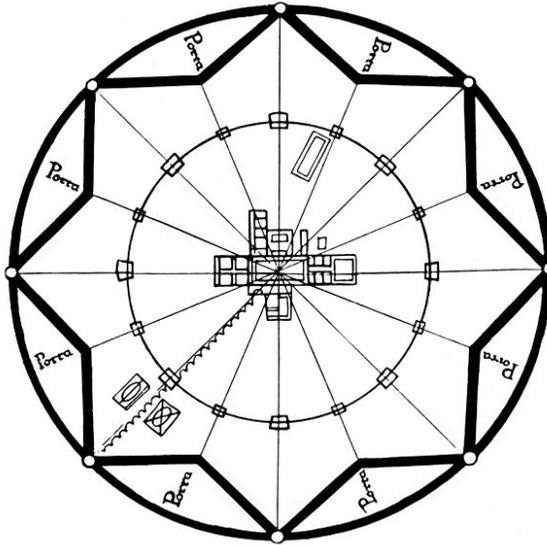
Outro prógono foi Antonio di Pietro Averlino, ou Filarete (c. 1400-c. 1469), cujo *Libro architetonico* (completado c. 1464) ganhou notoriedade por conta de sua cidade imaginária, denominada Sforzinda em homenagem ao duque de Milão Francesco Sforza (1401-1466). Como indica a Imagem 1, Sforzinda tem muralhas compondo uma estrela de oito pontas e um fosso circular. Reforçam a defesa contra inimigos oito torres encimando as pontas externas da estrela. Os ângulos internos, por seu turno, dão vez a oito portas dando acesso a oito avenidas radiais, que convergem para uma grande praça central, de 200 por 100 metros, onde se localizam edifícios administrativos e corporativos, hospitais e banheiros públicos, além de áreas destinadas a joalheiros, banqueiros e demais atividades comerciais.<sup>28</sup>

---

<sup>27</sup> TROUSSON, op. cit., 2004, p. 37. E ALBERTI, Leon Battista. *The Ten Books of Architecture: The 1755 Leoni Edition*. Nova Iorque: Dover, 1986, p. 64-66.

<sup>28</sup> TROUSSON, op. cit., 2004, p. 40-41. E BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. Cidades utópicas do Renascimento. *Ciência e cultura*, v. 56, n. 2, 2004, p. 46-48, sobretudo p. 46.

Imagem 1. Plano da cidade de Sforzinda, idealizada por Filarete.



Fonte: GOOGLE IMAGES, Sforzinda, 2012.

Afora a praça central, Sforzinda tem mais três, respectivamente destinadas ao palácio do príncipe, à catedral e ao mercado principal. Entre outras construções, estavam previstas escolas separadas para meninos e meninas, nas quais a disciplina férrea seria complementada pela dieta frugal; e a Casa do Vício e da Virtude, de dez andares, com um prostíbulo embaixo e uma academia de estudos nos andares superiores. Para alguns especialistas, a disposição radial de Sforzinda poderia derivar da Cidade Terrena descrita na primeira parte da *Cidade de Deus*, de Santo Agostinho (354-430).

Ainda assim, a cidade de Filarete também ecoa a sede da Atlântida platônica. Para começar, situa-se numa planície fértil, sobre terras fecundas. Adicionalmente, ostenta arrojados arquetônicos, como os vinte quilômetros do perímetro das muralhas; os vinte metros de largura das avenidas radiais; e o sistema de canais conectado a um rio, permitindo a troca de bens com o exterior.<sup>29</sup>

A cidade idealizada por Filarete foi a primeira de muitas outras, igualmente concebidas no século XV. Em termos pictóricos, afora o esboço para a cidade perfeita (posterior a 1485), da lavra de Leonardo da Vinci (1452-1519), destacam-se três pinturas – todas de autoria desconhecida – reunidas na Imagem 2.<sup>30</sup>

---

<sup>29</sup> TROUSSON, op. cit., 2004, p. 39-41. E BERRIEL, op. cit., 2004, p. 46.

<sup>30</sup> Uma reprodução do supracitado esboço de Leonardo da Vinci consta em BERRIEL, op. cit., 2004, p. 48.

Imagem 2. Em ordem decendente, as cidades ideais conservadas em museus em Urbino, Baltimore e Berlim.



Fonte: AUTORES DESCONHECIDOS, *Città ideale* (dipinto), 2012.

A mais renomada é a *Città ideale*, conservada na Galleria Nazionale delle Marche, em Urbino. Realizada entre 1480 e 1490, esta têmpera traz no centro um grande edificio circular, de caráter menos religioso do que público, ladeado por duas construções de feição civil, parcialmente deixando ver ao fundo, à direita, uma igreja de fachada próxima do estilo neoclássico. De qualidade inferior, a *Veduta di città ideale* depositada no Walters Art Museum, em

Baltimore, teria sido confeccionada uma década antes, entre 1470 e 1480. É uma vista prevalentemente horizontal, que retrata uma praça com três pedestres, uma fonte de água e quatro colunas honoríficas encimadas por estátuas simbolizando aspirações civis, como Virtude, Justiça e Liberdade. Ao fundo, da esquerda para a direita, têm-se um anfiteatro (semelhante ao Coliseu em Roma), um arco de triunfo tricórneo (que lembra o também romano Arco de Constantino), e um edifício que parece uma reelaboração do Batistério de Florença (no *Quattrocento*, um templo dedicado a Marte, convertido numa igreja cristã). Por último, a *Veduta di città ideale* mantida na Gemäldegalerie, em Berlim, parece ser a mais tardia. Datando de c. 1477, ela se distingue por, a par de explorar a técnica tridimensional da perspectiva, exibir ao longe um porto ativo – na época, um símbolo de prosperidade econômica.<sup>31</sup>

Cidades ideais cedo fizeram-se presentes em utopias. Por exemplo, na religiosamente liberal *Utopia* de More, situada numa ilha em forma de meia-lua circundada por montanhas fornecendo uma boa defesa natural, há 54 cidades, todas perfeitamente idênticas, cada uma com o número fixo de 6.000 famílias. Como as demais 53, a capital Amauroto (literalmente, “lugar desconhecido”) tem a forma quadrada. Protegida por um fosso e uma muralha entrecortada por pequenas torres, a cidade é atravessada por um rio, no caso, o Anidro (i. é, “sem água”). Limpa, salubre e alegrada por jardins, Amauroto

---

<sup>31</sup> Os dados fornecidos neste parágrafo provêm de AUTORES DESCONHECIDOS. *Città ideale* (dipinto), 2012, p. 1-4.

é regida por um sistema democrático e parlamentar, em que inexiste a propriedade particular e predomina uma economia essencialmente agrícola. Dividida em quatro partes iguais, possui mercados onde os cidadãos se abastecem do necessário, sem recorrerem à troca ou à moeda. Ademais, é dotada de hospitais, que, abertos a todos, oferecem eutanásia aos doentes e idosos preferindo essa opção.<sup>32</sup>

Entretanto, nem tudo é um “mar de rosas” na *Utopia* de More. A bem da verdade, Amauroto e suas cidades irmãs padecem do mesmo dilema acometendo diversas utopias e distopias posteriores: sacrificar a liberdade individual, em prol do bem comum; ou, conforme Trousson, privilegiar uma monótona igualdade, em detrimento de todo e qualquer imprevisto.<sup>33</sup>

Como seria de se esperar, cidades ideais também tiveram vez em utopias siderais. Isto já ocorre no *Somnium* composto pelo sacerdote, latinista e pensador erasmiano Juan Maldonado. Finalizado em 1532, esse conto relata uma viagem onírica, inspirada no *Somnium Scipionis* (i. é, Sonho de Cipião). Originalmente o sexto e último livro do tratado *De re publica* de Cícero (106-43 a.E.C.), o *Somnium Scipionis* também influenciou o *Somnium posthumum* de Johannes Kepler, que começou a ser redigido por volta de 1593. Mais tardio, o *Somnium* de Kepler traz influências de um importante

---

<sup>32</sup> TROUSSON, op. cit., 2004, p. 41-43. E BERRIEL, op. cit., 2004, p. 47. Note-se que, diferentemente das *Histórias Verdadeiras*, os neologismos na *Utopia* de More constroem paradoxos.

<sup>33</sup> TROUSSON, op. cit., 2004, p. 42. E BERRIEL, op. cit., 2004, p. 48.

marco na história da astronomia: o lançamento em 1610 do texto *Sidereus Nuncius*, ou *Mensageiro das Estrelas*, no qual Galileu Galilei (1564-1642) anuncia as novidades que descobrira ao fazer uso do telescópio em fins de 1609. Dentre outras, Galileu informa ser a Lua semelhante à Terra por ter uma superfície irregular, constituída de montanhas e vales, indetectáveis a olho nu – o que contrariava o dogma aristotélico da inexistência de imperfeições, e muito menos de relevo, nos corpos supraterestrres.<sup>34</sup>

Mesmo assim, no *Somnium* de Maldonado, o narrador e María de Rojas, sua guia nessa jornada sonial, sustentam haver “na Lua mares e continentes”, sendo que “o nariz e os olhos correspondem a regiões habitáveis.” Semelhante alvitre provavelmente deriva de especulações veiculadas por Plutarco (c. 45-c. 120) no diálogo *De facie quae in orbe lunae apparet* (em português, “Sobre a face que se vê no disco da Lua”), que inspirou realizações tão díspares quanto as *Histórias Verdadeiras* de Luciano e as investigações telescópicas de Galileu.<sup>35</sup>

Rodeada por “um prado plano e florido”, com plantações perfeitamente distribuídas de ervas aromáticas e árvores com frutos fragrantes, a “grande cidade” imaginada por Maldonado situa-se no

---

<sup>34</sup> MACHLINE, Vera Cecília. A antiga sátira menipeia e a moderna ficção científica. In: BELTRAN, Maria Helena Roxo; SAITO, Fumikazu; TRINDADE, Laís dos Santos Pinto (Orgs.). *História da ciência: tópicos atuais 2*. São Paulo: CAPES/Livraria da Física, 2012, p. 52-78, em especial p. 74-75.

<sup>35</sup> MALDONADO, Juan. Sueño. In: AVILÉS, Miguel. *Sueños ficticios y lucha ideológica en el Siglo de Oro*. Madrid: Nacional, 1981, p. 149-178, em particular p. 157. E MACHLINE, op. cit., 2012, p. 67 e 75.

fundo de um vale. Segundo o narrador, que pouco antes de avistá-la fora lembrado por Maria de Rojas da harmonia terrena anterior ao pecado de Adão, a cidade tinha um aspecto que “nenhum mortal saberia descrever.” Nem “o Sol” poderia ver “outra coisa mais bela [...] que seus muros” – os quais, espelhando as órbitas planetárias do macrocosmo, totalizavam sete muralhas concêntricas. “A interior era a mais alta e as demais decresciam até [...] a muralha exterior, a mais baixa, que chegava a ter a altura” dos muros existentes na Terra.<sup>36</sup>

No centro da cidade “sobressaíam sete torres formosas, em meio das quais se via um templo de admirável fabricação. Se diria” – de acordo com o narrador – “que os pontiagudos remates das torres e do templo eram estrelas,” tal como “se vê num céu sereno”; se não, pareciam ser feitos “de diamante.” Lá também havia uma praça redonda, “como [que] feita a compasso”, rodeada “de casas de igual tamanho e beleza.” Nesta praça, o narrador, ainda entretido em contemplar “cada detalhe”, assistiu à chegada do rei e da rainha que, logo após tomarem “assento em tronos de ouro” conjugados, “passaram a tratar cuidadosamente do governo da cidade e de seus habitantes.” Simultaneamente, o casal real atentava para o banquete, os jogos, as danças, as canções e os banhos dos jovens compondo sua corte. Tamanha concórdia espiritual, culminando tanto esplendor

---

<sup>36</sup> MALDONADO, op. cit., 1981, p. 158-161. *A Cidade do Sol* (escrita em vernáculo em 1602 e publicada em latim em 1623), do filósofo dominicano Tommaso Campanella (1568-1639), também dispõe de sete muralhas concêntricas.

material, leva o narrador a concluir estarem o casal real e seus cortesãos confiantemente celebrando “Deus, criador de todas as coisas”, a quem “entregavam toda sua felicidade e sua alegria.”<sup>37</sup>

Em ato contínuo, a finada viúva María de Rojas intervém. A propósito, apresentada desde o início como uma “mulher esclarecida”, ela seria “um perfeito exemplo de acrisolada [ou seja, depurada] virtude”, por ter levado na Terra “uma vida autenticamente celeste”. María corrige a apressada inferência do narrador de que apenas os Lunares viveriam em estado de graça. Segundo ela, na Terra igualmente existiam “homens frugais e mulheres honestas; se não são todos, o certo é que não faltam alguns em cada estamento”, a começar nos conventos, que não “foram um invento [de todo] inútil.” Malgrado frades e monjas nem sempre gozarem “de boa reputação”, “também é certo que a virtude e a pureza celestial vivem em suas clausuras.” Logo mais, a emenda de María é confirmada: ao regressar à Terra, o narrador – pouco antes de despertar de seu sonho – vai ter numa paragem recém cristianizada na América (dotada de uma “cidade populosa” tendo ao centro um templo), na qual “ninguém é pobre”.<sup>38</sup>

---

<sup>37</sup> MALDONADO, op. cit., 1981, p. 161-162.

<sup>38</sup> MALDONADO, op. cit., 1981, p. 150, 162-163 e 172-178. Não cabe aprofundar aqui a possível influência do programa reformista de Erasmo na Utopia de More e no *Somnium* de Maldonado. Em todo o caso, tal programa, que incorporava a paridade entre homens e mulheres, também comparece na Abadia de Thélème – a construção hexagonal com uma grande torre redonda em cada ângulo, esmiuçada nos capítulos finais do livro *Gargântua* (1535), do humanista erasmiano François Rabelais (c. 1494-1533).

Finalmente, em *The Man in the Moone* – a historietta de Francis Godwin cuja data de composição continua em aberto – a descrição da magnificência do “Palácio do Príncipe da Nação”, assim como “muitas outras particularidades” dos Lunares é adiada para uma “segunda parte”. O narrador e protagonista Domingo Gonsales explica que “nesta primeira parte”, ele preferiu se ater à sua acidentada jornada – de Salamanca à Antuérpia; em seguida, às Índias e à Ilha de Santa Helena; depois, à Ilha de Tenerife, à Lua e, por fim, à China.<sup>39</sup>

Delimitar o escopo de sua história, mesmo que sob o jocoso pretexto de uma continuação, permitiu que Gonsales, a par de relatar sua viagem à Lua, discutisse implicações subjacentes à então controversa teoria heliocêntrica de Nicolau Copérnico (1473-1543), que contou com ajustes e emendas de outros pensadores antes de ser aceita. Ou seja, como assinalado por Aït-Touati, possibilitou que Godwin entrelaçasse, “num só fio narrativo”, “o discurso ficcional e

---

<sup>39</sup> Considera-se que os dois sucessivos episcopados assumidos por Godwin a partir de 1610 concorreram para a publicação póstuma de *The Man in the Moone*, cuja composição poderia remontar aos três últimos anos do reinado de Elizabeth I da Inglaterra (1533-1603). Para detalhes adicionais a esse respeito, além de informações sobre as edições e as traduções setecentistas da historietta de Godwin, consultar LAWTON, H. W. Bishop Godwin's Man in the Moone. *The Review of English Studies*, v. 7, n. 25, jan. 1931, p. 23-55, em particular p. 22-26 e 52-54. Já Grant McColley aventa que a redação de *The Man in Moone* dataria da década de 1620. Os argumentos desse estudioso constam em MCCOLLEY, Grant. The Date of Godwin's Domingo Gonsales. *Modern Philology*, v. 35, n. 1, ago. 1937, p. 47-60. As passagens citadas provêm de GODWIN, Francis. *The Man in the Moone or A discourse of a voyage thither by Domingo Gonsales Thy Speedy Messenger*. Herefordshire: Logaston Press, 1996, p. 24. Nas passagens traduzidas aqui não foram contempladas a ortografia e a gramática do inglês elisabetano de Godwin.

o discurso de conhecimento”.<sup>40</sup> Por exemplo, a chegada de Gonsales à Lua no “topo de uma colina bem alta” ficcionalmente contesta duas suposições antigas: a solidez dos orbes planetários e a ausência de relevo a partir da esfera supralunar. Outrossim, possibilita ao herói de Godwin atestar a hipótese copernicana de que a Terra “gira em torno de seu Eixo [a] cada 24 horas do Oeste para o Leste”. Em contrapartida, provavelmente dando voz à perspectiva cosmológica de Godwin, Gonsales rejeita com todas as letras a proposta heliocêntrica da teoria copernicana ao sustentar: “Não irei tão longe quanto Copérnico, que faz do Sol o Centro da Terra, e imóvel, [...] digo apenas, permita à Terra seu movimento (que estes meus olhos podem testemunhar ser verdadeiro)”.<sup>41</sup>

Se bem que capital para a narrativa de Godwin (e, posteriormente, para a hipótese copernicana do movimento de rotação dos planetas), o médico William Gilbert (1544-1603) não é mencionado nenhuma vez em *The Man in the Moone*. Por outro lado, ecos das reflexões de Gilbert sobre a força magnética contidas no tratado De magnete, publicado em 1600, vêm à tona quando, rumo à Lua, Gonsales se dá conta de estar “livre da atração da Terra”, ou “daquela tirânica Pedra-ímã [que é] a terra”.<sup>42</sup> Tais ponderações têm vez depois

---

<sup>40</sup> AÏT-TOUATI, op. cit., 2011, p. 56. Na p. 55, a estudiosa assinala que Godwin foi além de Kepler, posto o último manter em seu *Somnium posthumum* os dois discursos “hermeticamente isolados entre si.”

<sup>41</sup> AÏT-TOUATI, op. cit., 2011, p. 51. E GODWIN, op. cit., 1996, p. 17-19 e 21.

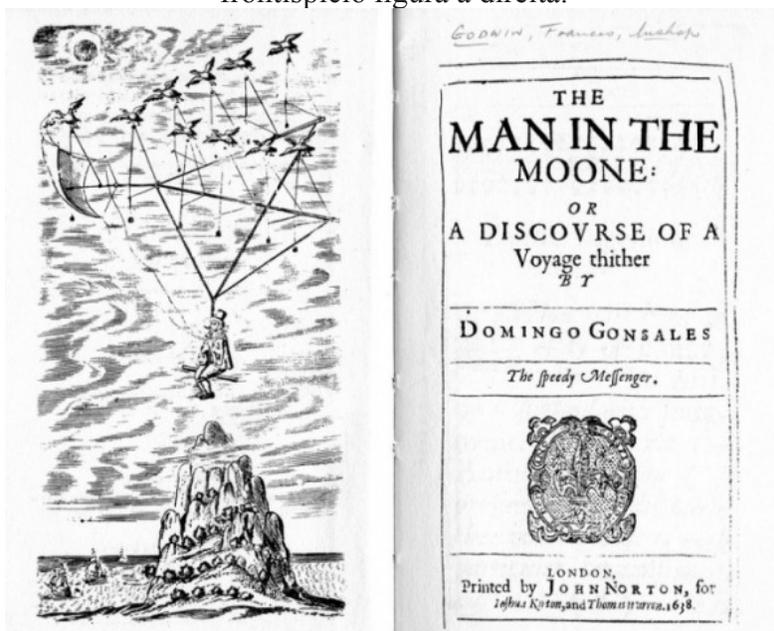
<sup>42</sup> GODWIN, op. cit., 1996, p. 20-21.

que Gonsales partira de “El Pico”, na Ilha de Tenerife, para chegar à Lua por meio de um “engenho” que atrelava 25 aves semelhantes a cisnes selvagens, denominadas *gansas*, conforme aponta a Imagem 3. A concepção desse aparato e o treinamento das aves tinham tido lugar antes, durante a estada de Gonsales na Ilha de Santa Helena (então, recentemente transformada pelos portugueses numa base para a recuperação de marinheiros adoecidos, e para o abastecimento de mantimentos frescos, no meio das demoradas navegações ultramarinas iniciadas desde fins do Quatrocentos).<sup>43</sup>

---

<sup>43</sup> Para informações sobre as sortidas fontes utilizadas por Godwin para compor sua historieta, que incluem relatos coevos de viagens marítimas, vide JOHNSON, Andy; SHOESMITH, Ron. Introduction. In: GODWIN, Francis. *The Man in the Moone or A discourse of a voyage thither by Domingo Gonsales Thy Speedy Messenger*. Herefordshire: Logaston Press, 1996, p. 1-26, particularmente p. 13-26.

Imagem 3. À esquerda, xilogravura reconstituindo a partida de Domingo Gonsales da Ilha de Tenerife rumo à Lua. Essa ilustração constava na primeira edição de *The Man in the Moone*, cujo frontispício figura à direita.



Fonte: AUTORES DESCONHECIDOS, *The Man in the Moon*, 2011.

Gilbert também parece estar por trás da grandeza incomum das criaturas lunares descritas por Gonsales. Consoante este, “o Globo da Lua não é inteiramente destituído de um Poder atrativo: mas é bem mais fraco do que o da terra”. Como resultado, as árvores são “pelo menos três vezes mais altas” do que as terrenas. Também

dotados de dimensões avantajadas são as “ervas, os Animais, e as Aves”, em sua maioria nada semelhante aos existentes na Terra. Já os Lunares variavam de estatura. Em média, tinham “o dobro da altura” dos humanos. Mas, quanto mais elevado o cargo hierárquico dos “Lunares Genuínos, naturais, ou verdadeiros”, maior seria sua estatura. Desse modo, o Mestre que recebeu Gonsales tinha 28 pés (cerca de 8,50 metros) de altura, enquanto os 30 Príncipes, subordinados ao “Monarca supremo” da Lua eram ainda mais altos. Adicionalmente, visto haver uma correspondência entre “a Estatura das pessoas” e sua longevidade, os “Lunares anões” ou “bastardos”, confinados às “funções mais servis e animaisca”, viviam no máximo 80 anos.<sup>44</sup>

Tendo em vista o objetivo deste artigo, cumpre passar ao largo de outras peculiaridades dos Lunares, como o costume deles de honrarem a Santíssima Trindade, mas de não cultuarem santos, e (da mesma forma que os habitantes da *Utopia* de More) prescindirem de advogados. Também faz-se necessário deixar de lado as alusões paródicas às *Histórias Verdadeiras* de Luciano presentes em *The Man in the Moone*, a começar pela repetida promessa de Gonsales de redigir futuramente uma “segunda parte” de suas aventuras.<sup>45</sup>

---

<sup>44</sup> GODWIN, op. cit., 1996, p. 22-27 e 35. E HUTTON, Sarah. *The Man in the Moone and the New Astronomy: Godwin, Gilbert, Kepler. Études Épistémè*, n. 7, primavera 2005, p. 3-13, sobretudo p. 8-11. Este estudo, nas p. 6-8 e 11-12, traz comparações entre a historieta de Godwin e o *Somnium* de Kepler.

<sup>45</sup> GODWIN, op. cit., 1996, p. 26-27 e 35. A promessa de uma “segunda parte” repete-se em p. 31, 33 e 41. Vide também LUCIANO, op. cit., 1981, p. 76.

### ***Considerações finais***

Por acarretar o abandono da concepção clássica de um cosmos dividido entre um mundo supralunar perfeito e imutável, e uma esfera sublunar sujeita a transformações, a teoria heliocêntrica reacendeu, em novos termos, antigas especulações sobre a possibilidade de os corpos extraterrestres serem habitados. Um desses termos – notadamente na Inglaterra pós-elisabetana – compreendeu variantes da locução “new World of the Moone”, empregada na historieta de Godwin, e parcialmente presente no título da obra *The Discovery of a World in the Moone*, composta pelo filósofo natural e teólogo anglicano John Wilkins. Saída do prelo uns poucos meses depois da publicação de *The Man in the Moone*, a obra de Wilkins inaugurou uma linhagem de composições cosmológicas redigidas em línguas vernáculas buscando popularizar a ideia de que – a exemplo da Terra – a Lua e outros astros poderiam ser habitados.<sup>46</sup>

Tal linhagem de escritos despontou na França com o lançamento em 1655 de *Le monde dans la lune*, hoje sabido ser a primeira versão francesa de *The Discovery of a World in the Moone*. À essa tradução, seguiu-se a publicação do *Discours nouveau prouvant la pluralité des mondes*, do iatroquímico Pierre Borel, e dos colóquios

---

<sup>46</sup> GODWIN, op. cit., 1996, p. 21. DICK, op. cit., 1982, p. 61-105. CRESSY, David. Early Modern Space Travel and the English Man in the Moon. *The American Historical Review*, v. 111, n. 4, out. 2006, p. 1-21. E AÏT-TOUATI, op. cit., 2011, p. 56-63.

*Entretiens sur la pluralité des mondes*, do homem de letras Bernard de Fontenelle, desde 1697 “Secretário Perpétuo” da Academia de Ciências da França.<sup>47</sup>

Concluindo, mesclando ficção e conhecimento científico, *The Man in the Moone* teve influência não só na literatura, à semelhança de *L’Autre Monde*, de Cyrano de Bergerac, e *Gulliver’s Travels* (1726), de Jonathan Swift (1667-1745). Como visto aqui, a historieta de Godwin também contribuiu para cogitações cosmológicas seiscentistas sobre a Lua, suscitadas pela hipótese de os orbes extraterrestres abrigarem outros mundos. Ainda incerto, afora a data da redação de *The Man in the Moone*, é o real impacto das versões manuscritas dessa narrativa que circularam antes de ela ser impressa em 1638. Por exemplo, anterior à encenação da mascarada de Ben Jonson *Newes from the New World Discover’d in the Moon*, a tradução inglesa da sátira distópica *Mundus alter et idem* (c. 1605), do teólogo Joseph Hall (1574-1656), veio à luz c. 1609 estampando o título *The Discovery of a New World*.<sup>48</sup>

---

<sup>47</sup> CARRÉ, Marie-Rose. A man between two worlds: Pierre Borel and his *Discours nouveau prouvant la pluralité des mondes* of 1657. *Isis*, v. 65, n. 3, set. 1974, p. 322-335, em particular p. 322. A estudiosa menciona existir um manuscrito datado de 1647 dos *Discours* de Borel, que cumpriria ser cotejado com a versão impressa.

<sup>48</sup> JOHNSON, Andy; SHOESMITH, Ron, op. cit., 1996, p. 12-13. E DAVIES, H. Neville. Bishop Godwin’s ‘Lunatique Language’. *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, v. 30, 1967, p. 296-316, sobretudo p. 300-301.

## Referências

### Bibliografia

AÏT-TOUATI, Frédérique. *Fictions of the Cosmos: Science and Literature in the Seventeenth Century*. Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 2011.

ALBERTI, Leon Battista. *The Ten Books of Architecture: The 1755 Leoni Edition*. Nova Iorque: Dover, 1986.

ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria. *O que é História da Ciência*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

\_\_\_\_\_. *Questões de literatura e estética: A teoria do romance*. São Paulo: UNESP/HUCITEC, 1988.

BERRIEL, Carlos Eduardo Ornellas. A Utopia como gênero, ou as possibilidades de uma tipologia utópica. Estudo avulso *online*. [S.I.: s.d.]. p. 1-4.

\_\_\_\_\_. Cidades utópicas do Renascimento. *Ciência e cultura*, v. 56, n. 2, p. 46-48, 2004.

BURNS, Alfred. Hippodamus and the Planned City. *Historia*, v. 25, n. 4, p. 414-428, 1976.

CARPENTIERI, Regina Maria. Modalidade satírica na utopia “Il mondo Savio e Pazzo” de Anton Francesco Doni. *Anais do SILEL*, v. 2, n. 2, Uberlândia: EDUFU, p. 1-9, 2011.

CARRÉ, Marie-Rose. A Man between Two Worlds: Pierre Borel and his Discours nouveau prouvant la pluralité des mondes of 1657. *Isis*, v. 65, n. 3, p. 322-335, set. 1974.

CAUSO, Roberto de Sousa. *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil, 1875 a 1950*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CRESSY, David. Early Modern Space Travel and the English Man in the Moon. *The American Historical Review*, v. 111, n. 4, p. 1-21, out. 2006.

DAVIES, H. Neville. Bishop Godwin's 'Lunatique Language'. *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, v. 30, p. 296-316, 1967.

DICK, Steven J. *Plurality of Worlds: The Origins of the Extraterrestrial Life Debate from Democritus do Kant*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

DUBOIS, Claude-Gilbert. L'Utopie au XVIIe siècle comme idéal de rénovation et comme gel de la métamorphose. *Morus*, n. 1, p. 25-33, 2004.

GEORGIADOU, Aristoula; LARMOUR, David H. J. *Lucian's Science Fiction Novel True Histories: Interpretation and Commentary*. Leide: Brill, 1998.

GREEN, Roger Lancelyn. *Into Other Worlds: Space-Flight in Fiction, from Lucian to Lewis*. Londres: Abelard-Schuman, 1958.

HUTTON, Sarah. The Man in the Moone and the New Astronomy: Godwin, Gilbert, Kepler. *Études Épistémè*, n. 7, p. 3-13, primavera 2005.

JOHNSON, Andy; SHOESMITH, Ron. Introduction. In: GODWIN, Francis. *The Man in the Moone or A discourse of a voyage thither by Domingo Gonzales Thy Speedy Messenger*. Herefordshire: Logaston Press, p. 1-26, 1995.

LAUVERGNAT-GAGNIÈRE, Christiane. *Lucien de Samosate et le Lucianianisme en France au XVIIe siècle: Athéisme et polémique*. Genebra: Droz, 1988.

LAWTON, H. W. Bishop Godwin's Man in the Moone. *The Review of English Studies*, v. 7, n. 25, p. 23-55, jan. 1931.

MACHLINE, Vera Cecília. A antiga sátira menipeia e a moderna ficção científica. In: BELTRAN, Maria Helena Roxo; SAITO, Fumikazu; TRINDADE, Laís dos Santos Pinto (Orgs.). *História da Ciência: tópicos atuais 2*. São Paulo: CAPES/Livraria da Física, 2012.

McCOLLEY, Grant. The Date of Godwin's Domingo Gonsales. *Modern Philology*, v. 35, n. 1, p. 47-60, ago. 1937.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1978.

NICOLSON, Marjorie Hope. *Voyages to the Moon*. Nova Iorque: Macmillan, 1960.

SERJEANTSON, Richard; JACKSON, Clare. Utopian Writing, 1516-1798. Estudo avulso *online*. Cambridge: 2009. p. 1-61.

TROUSSON, Raymond. La cité, l'architecture et les arts en Utopie. *Morus*, n. 1, p. 35-53, 2004.

VIDAL-NAQUET, Pierre. *Atlântida: pequena história de um mito platônico*. São Paulo: UNESP, 2008.

WASSEF, Ayyam. Akhetaton, a Cidade do Sol. *O Correio da UNESCO*, ano 19, n. 4, p. 16-18, abr. 1991.

**Fontes**

AUTORES DESCONHECIDOS. Città ideale (dipinto). p. 1-4. Disponível em: <[http://it.wikipedia.org/wiki/Citt%C3%A0\\_ideale\\_\(dipinto\)](http://it.wikipedia.org/wiki/Citt%C3%A0_ideale_(dipinto))>. Acesso em: 5 maio 2012.

AUTORES DESCONHECIDOS. The Man in the Moone. p. 1-3. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/The\\_Man\\_in\\_the\\_Moone](http://en.wikipedia.org/wiki/The_Man_in_the_Moone)>. Acesso em: 11 jun. 2011.

GODWIN, Francis. *The Man in the Moone or A discourse of a voyage thither by Domingo Gonsales Thy Speedy Messenger*. Herefordshire: Logaston Press, 1996.

GOOGLE IMAGES. Sforzinda. p. 1-2. Disponível em: <<http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/7f/Idealstadt.jpg>>. Acesso em: 2 maio 2012.

LUCIANO. História Verdadeira. In: LUCIANO. *O Parasita ou o Papa Jantares*. Lisboa: & etc, 1981.

MALDONADO, Juan. Sueño. In: AVILÉS, Miguel. *Sueños ficticios y lucha ideológica en el Siglo de Oro*. Madrid: Nacional, 1981.

PLATÃO. Críticas. In: PLATÃO. *Diálogos*. 3. ed. Belém: EDUFPA, 2011, v. 11.

\_\_\_\_\_. Timeu. In: PLATÃO. *Diálogos*. 3. ed. Belém: EDUFPA, 2011, v. 11.

**Recebido em 25 de março de 2012; aprovado em 13 de junho de 2012.**